

CRISTINA COSTA E SILVA DO CARMO



FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

30772
500u

Tombo nº.	7.1.3.2
Classif.:
Ex: 1.

Origem:	a.
Data:	08.03.03

CRISTINA COSTA E SILVA DO CARMO

FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Trabalho apresentado à FACER
como requisito parcial a Disciplina
Dissertação Filosófica II, para fins
avaliativos do professor Paulo
Henrique Castanheira Vasconcelos.

DEDICATÓRIA

Primeiramente quero dedicar ao nosso pai soberano que me deu força e sabedoria para enfrentar mais essa batalha.

Dedico também aos meus pais por terem encaminhado-me na fé e esperança na busca de minhas realizações.

Ao meu querido esposo e a minha amada filha, ambos companheiros em minhas lutas e vitórias.

Ao meus queridos professores e colegas, pela força e o apoio que tenho recebido no decorrer do curso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	06
A FILOSOFIA NO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO	08
DISCIPLINA DE FILOSOFIA E O ENSINO MÉDIO	11
FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: UMA DISCIPLINA NECESSÁRIA	16
FILOSOFIA OU SENSO COMUM?	18
UMA NOVA FILOSOFIA PARA O NOVO ENSINO MÉDIO	19
CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS	24

INTRODUÇÃO

O ensino de Filosofia nas instituições escolares, e algo que ainda não faz parte do caminho dos educadores e dos nossos educandos.

Esta monografia mostra o caminho percorrido por essa disciplina que não faz parte do currículo necessitando conquistar seu espaço. O estudo de Filosofia é essencial, pois, leva o indivíduo a pensar, a refletir e agir com coerência. Podemos afirmar que ensino de filosofia não depende apenas da articulação dos conteúdos e sim da realidade vivida pelo aluno.

O estudo da filosofia discute alguns temas específicos do nosso interesse comum, todos ligados de alguma forma à educação. É um convite à reflexão que lhe fazemos. A reflexão é uma espécie de "Parada para pensar"; uma volta sobre coisas que já conhecemos. A filosofia é uma disciplina necessária. Com ela vimos a realidade da qual fazemos parte, transformamos essa realidade e também nos transformamos, através disso, vamos crescendo cada vez mais e vamos modificando a nossa forma de ver o mundo e os outros.

A Filosofia nos leva a um senso comum, maneira habitual e tradicional de julgar o mundo e as coisas e de falar na vida cotidiana, uma nova Filosofia para o Ensino Médio. Tanto no caso da Filosofia como no da ciência o exercício do pensar implica debruçar-se sobre a realidade para interrogá-la, ou seja, o exercício do pensar crítico procura superar uma postura ingênua de viver, característica do senso comum, que acredita na aparência das coisas, na simples opinião das pessoas sobre os acontecimentos sem preocupação de perguntar pelos fundamentos das afirmações e pelas causas mais profundas das coisas, dos fatos e das ações.

O Exercício do pensamento crítico, que se faz por meio da reflexão nos torna mais lúcidos, mais exigentes e mais participantes no processo de construção ensino Filosofia como disciplina obrigatória.

O caminho percorrido pela Filosofia no ensino Médio não foi fácil, pois os governantes querem extinguir essa disciplina. Porque ela leva os educandos a terem uma consciência crítica, e isso não interessa a eles. Esta disciplina leva o indivíduo a desenvolver uma reflexão filosófica.

O estudo da Filosofia é essencial porque não se pode pensar em nenhum homem que não seja solicitado a refletir e agir por isso a importância da Filosofia no currículo do Ensino médio, ela oferece condições teóricas para que o indivíduo separe consciência ingênua e desenvolva a sua consciência crítica.

A Filosofia no início do século XVI era meramente livresca e sem se preocupar com a reflexão. Já no XIX a filosofia passa a ser parte integrante das disciplinas do ensino Médio e obrigatória nos estabelecimentos de ensino da época: a partir da LDB a filosofia passou de obrigatória para complementar.

Há três questões que contribuem para a sobrevivência da Filosofia. A LDB que privilegia formação da cidadania, uma vida ética e política e a elaboração de uma proposta concreta para delimitar conteúdos e métodos e sobretudo em relação a disciplina e o processo de formação cognitiva e afetiva dos Educandos, o educador deve assumir sua tarefa e a sua responsabilidade de permanência e êxito da filosofia no ensino médio.

A filosofia no ensino médio é necessária, pois leva os educandos a pensar essa polêmica em volta desse assunto tão antigo e cercado de vários preconceitos.

O professor crítico é capaz de formar novas gerações mais críticas do que as anteriores, este é o caminho para a formação de uma nação cidadã. A filosofia leva os educandos a um senso comum.

A filosofia não tem sua presença no ensino médio justificado pelos valores. A justificativa para a obrigatoriedade da filosofia. Para estes questionamentos tem duas respostas. O interesse geral e expressivamente política. Interessa a todos os homens, por que é uma atitude que procura superar os problemas que a realidade apresenta. Sua sobrevivência pelo trabalho realizado-se com a natureza e com os demais semelhantes.

FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

A filosofia na educação média brasileira não é constante, a reflexão e a produção escrita nesse nível de ensino deixa muito a desejar. E o trabalho ressentido, marcado pela volta de Filosofia ao Ensino médio. Os textos produzidos eram políticos este eram mais para justificar sua presença nas grades de estudos, do que uma conceituação filosófica do ensino de Filosofia.

A inclusão da Filosofia no currículo das escolas nível ensino médio, ensino fundamental e no curso superior, teve algumas pessoas a pensarem que só os alunos de ciências humanas deveriam se ocupar com seu estudo e não os futuros engenheiros, médicos, comerciantes e outros, técnicos e profissionais da área de ciências exatas.

Á idéia de que a iniciação filosófica não só é necessária como também deveria ser obrigatória do ponto de vista pedagógico, é muito importante na formação do aluno. Estimula o pensamento abstrato, a filosofia ajuda a promover a passagem do mundo infantil ao mundo adulto. O amadurecimento está na conquista da autonomia no pensar e no agir.

O estudo da Filosofia é essencial porque não se pode pensar em nenhum homem que não seja solicitado a refletir e agir. A Filosofia oferece condições teóricas para a superação da consciência ingênua e o desenvolvimento da consciência crítica. A experiência vivida é transformada em experiência compreendida.

Uma das características dos Estados autoritários é impedir o ensino da Filosofia e silenciar a crítica dos pensadores a fim de garantir a obediência passiva dos cidadãos. Este acontecimento já aconteceu em nosso país, o ensino de Filosofia

desapareceu das escolas do 2º grau durante treze anos e a Filosofia do curso superior se esvaziaram a ponto de alguns faculdade querem a extinção.

Qualquer atividade que venham desenvolver, como pessoa e cidadão, o aluno precisa de reflexão filosófica para a expansão da consciência crítica, para exercício da capacidade humana de se interrogar e para participação mais ativa na comunidade em que vive.

A FILOSOFIA NO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO

O ensino da Filosofia, desde o Brasil colônia até hoje, nunca teve um lugar definido no currículo escolar. Só nos anos 30 esta disciplina passou a disputar e ocupar seu espaço ao lado das outras disciplinas. Sua influência nas áreas do conhecimento foi provisória e praticamente não entusiasmou os rumos e a estrutura do sistema Nacional de ensino. A história do ensino de Filosofia no Brasil permite-nos identificar a existência, entre a década 30 a 70 do século passado, de programas oficiais de Filosofia obrigatórios, mas isso não significou, a prática, ensino de Filosofia.

A Filosofia chegou ao Brasil através dos jesuítas. Com caráter messiânico, confundindo-se com instrução e catequese tendo como objetivo fortalecer a Igreja Católica, os heréticos e infiéis, converte a população indígena e africana ao cristianismo e reconduz o colono “desgarrado”, uma vez que não raramente ele aqui chegava degredado.

Os jesuítas, indiferentes a toda controvérsia do pensamento moderno, à disputa entre racionalistas e empiristas, se recusaram a tratar das descobertas científicas de Galileu e Kepler e ignoraram e condenaram. Descartes, um de seus ex-alunos. Davam pouca importância à história, à geografia e à matemática, ciência vã, estudada apenas nas classes mais adiantadas.

No curso de Artes limitavam-se ao ensino da filosofia escolástica a partir do estudo de textos de Santo Tomás de Aquino e Aristóteles. Reduziram o ensino de Filosofia e ciências a exercícios de mera erudição e retórica.

Com medo da “Influência Perniciosa” que o pensamento moderno poderia encaminhando ao deísmo, ateísmo e materialismo. Real mesmo seria proibir a leitura de vários autores.

Após mais de quatro séculos de caminhada no interior das práticas educativas formais deste as “aulas regias” os “cursos livres” ou sua configuração como “matéria optativa” até o caráter complementar”, a filosofia ainda não obteve a delimitação de seus locais. Os discursos legais que a enaltecem, mas não a alocam passou os conhecimentos obrigatórios, indicam que na prática pedagógica brasileira a filosofia ainda não superou a condição de um humanismo formalista, retórica, fundado no gramaticismo e na irradiação livresca.

A trajetória do ensino de Filosofia mostram que essa disciplina, ao contrário das outras que compõem o currículo do campo político-institucional como no plano de sua efetivação no currículo, ao lado das demais disciplinas. Não obstante , está claro que a filosofia possui estatuto próprio, um conteúdo a ser ensinado como as demais disciplinas, tomando, assim, legítima sua inclusão obrigatória na grade curricular. Emerge ainda indagações sobre a natureza dos conteúdos filosóficos a serem ensinados e os pressupostos metodológicos que fundamentam a prática do ensino de Filosofia.

O ensino da Filosofia no nível médio, como as demais disciplinas, tem se limitado a repassar e reproduzir conhecimentos estatístico e acabados, bem como concepções e verdades absolutas que inviabilizam o processo de ação e reflexão do homem sobre o mundo e sobre sua própria existência. É nesse repasse mecânico de teorias desarticuladas da realidade que reside, em boa parte, a problemática do ensino de Filosofia. A superação de tal concepção reducionista exige uma revisão da perspectiva conteudista e reprodutivista que norteia essa disciplina e as demais, a Filosofia carrega em si a possibilidade de desenvolver no homem sua estrutura cognitiva e intelectual, isto é, formar para a vivência social, cultural e política, e por conseqüência, para exercício crítico e consciente da cidadania.

No plano curricular é preciso atentar para o fato de que a disciplina de filosofia seja instaurada a partir de um processo dialógico e dinâmico com os demais campos do conhecimento humano, dinamizar seu próprio movimento e o movimento paulatino dos diversos saberes. A filosofia é diferente das ciências humanas que

não estabelece discursos limitados a fatos e coisas; ao contrário, busca relacionar convergências e divergências, concepções teóricas e fatos históricos, evidenciando questões e desafios que são suscitados pelas mudanças de valores e paradigmas sociais.

Na análise parcial é possível dizer que qualidade do ensino de filosofia não depende apenas da articulação dos conteúdos e sim com realidade vivida pelo aluno.

O estudo de filosofia é essencial porque não se pode pensar em nenhum homem que não seja solicitado a refletir e agir.

Isso significa que todo homem tem ou deveria ter uma concepção de mundo, uma linha de conduta moral e política, e deveria atuar no sentido de manter ou modificar as maneiras de pensar e agir do seu tempo. A filosofia oferece condições teóricas para a separação da consciência ingênua e o desenvolvimento da consciência crítica, pela qual a experiência vivida é transformada em experiência compreendida, isto é, em um saber a respeito dessa experiência.

O senso comum à consciência crítica, é centro de conhecimento filosófico como também uma das principais razões que sustentam a necessidade de ensinar conteúdos de filosofia na escola.

A filosofia tem como finalidade debater, confrontar idéias, instaurar a suspeita, de provocar a negação e a ruptura, enfim, de incitar à participação no processo de criação de novos homens. Ensinar filosofia é o questionamento do instituído; permite transitar, através de reflexões e leituras de textos diversificados nas idéias e nas ordens das razões, instrumentalizando a crítica e a ampliação da visão de mundo.

A DISCIPLINA DE FILOSOFIA E O ENSINO MÉDIO

Alguns aspectos que fazem parte do horizonte histórico da disciplina de Filosofia. Para isso é preciso estabelecer dois momentos fundamentais da disciplina, antes da Lei de Diretriz base e depois da Lei.

Antes da LDB a filosofia no ensino médio surgiu com a instituição deste nível de ensino, ou seja, com a fundação do Colégio da ordem dos jesuítas, em Salvador, em meados do século XVI. Era ensino no 1º ano do “nível secundário” conteúdo era baseado em Aristóteles e da filosofia escolástica. Neste período a filosofia era considerado como livresca sem se preocupar com a reflexão filosófica.

Depois da expulsão dos Jesuítas o ensino de filosofia ainda continuava parcelado, fragmentário e de baixo nível. O ensino continuou sendo livresca e religiosa.

Com a criação dos cursos profissionalizantes e dos cursos superiores, no final do século XIX, o ensino de nível médio começou a ser orientado à preparação para o ingresso aos cursos superiores. A filosofia passou a ser parte integrante do conjunto das disciplinas do ensino médio, passou a ser considerada como disciplina obrigatória nos estabelecimentos de ensino secundário, público e particulares.

Surgiu movimentos simpáticos ao liberalismo, gerando mudanças no sistema educacional. Os amantes do pensamento liberal reivindicavam uma educação lógica cujo objetivos era a instrução científica.

Em relação ao ensino da filosofia nas escolas, a defesa da presença da disciplina nas escolas era acompanhada de crítica ao ensino de metafísica.

Podemos ver que a partir da década de 30 duas reformas provocaram novas mudanças no ensino médio brasileiro., a primeira, determinava que a formação do homem para todos os grandes setores da atividade nacional, construindo no seu espírito todo um sistema de hábitos, atitudes e comportamentos que ele tome suas decisões e viva por si mesmo em qualquer situação, seja mais seguro, sempre enfatizando a formação intelectual do aluno e a segunda a ênfase recaiu no ensino das ciências.

O brilho do ensino Médio nesse estágio pode ser atribuído a três fatores básicos do saber:

- 1) O incentivo para formação técnico profissionalizante;
- 2) O aumento considerável do número de bibliotecas;
- 3) A campanha em prol do fortalecimento do ensino básico e da reestruturação de sua natureza.

A valorização do pensamento e a questão da consciência social do homem, a edição de decretos e portarias visando a reformulação do Ensino, que atingiu a filosofia que aos poucos perdia sua importância na escola. Mas apesar de tudo, com passar dos anos a filosofia ainda era mantida como disciplina obrigatória com uma carga horária mínima. Com a reforma do ensino médio privilegiou mais os aspectos burocráticos e legalistas do que propriamente pedagógicos.

Verificaram que a partir da LDB, a filosofia passou de disciplina obrigatória para disciplina complementar, que significa que ela podia ser escolhida entre as disciplinas também complementares para preencher a grade curricular exigida pela LDB.

Após o golpe militar, iniciou um processo de supressão dessa disciplina dos currículos escolares com objetivos de substituir a consciência pelo civismo. Os avanços no sentido de exclusão da disciplina de filosofia no ensino médio também são percebidos na reforma do ensino de 1971. Ficou prejudicada a liberdade dos sistemas estaduais e dos estabelecimentos de introduzirem outras disciplinas mais reflexivas que podiam favorecer a discussão crítica como filosofia, sociologia e outros. Essa reforma priorizou a formação básica profissionalizante e acabou por desintegrar o que ainda restava das classes de filosofia.

Em 1972 com parecer do Conselho Federal de Educação o ensino de filosofia passou a ser facultativo nos currículos das escolas de ensino médio, fica a critério de cada estabelecimento ministra-lo ou não.

Em 1982 o CFE editou um parecer, nele a filosofia passou a fazer parte do elenco das disciplinas do núcleo diversificação do currículo, mesmo depois de tanto esforço para disciplina voltar ao quadro oficial dos currículos das escolas de ensino médio ainda nota-se a ausência da filosofia. Talvez ainda seja por causa do movimento de sua inclusão ter durado por mais de 30 anos.

Mesmo com base em argumentos sérios profundamente preocupados com a formação dos jovens brasileiros. Apesar de todo movimento para inclusão da Filosofia não teve um desfecho feliz. Com a elaboração e aprovação do da Lei Diretrizes e Bases para a educação nacional de 1996, novamente estava ausente do quadro oficial dos currículos do ensino médio.

O ensino de filosofia ficou ausente das diretrizes educacionais e com ela a impossibilidade do educando dominar conhecimentos de filosofia. Ao afirmar que a educação deve possibilitar o aperfeiçoamento do aluno como pessoa humana, incluído a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e o pensamento crítico. Apesar de tudo, de alguma forma a filosofia foi reconhecida como matéria indispensável ou seja, na formação dos cidadãos.

O conhecimento de filosofia deverá ser tratado pela disciplinas que as escolas elegerão como sendo próprias do seus currículos, ou seja, os conteúdos filosóficos deverão fazer parte dessas disciplinas. É o que aponta a relação dos parâmetros Curriculares.

A filosofia na Escola é um projeto que visa explorar as possibilidade educacionais da filosofia ao longo da escolaridade com os nossos alunos e, neste sentido, não podemos ignorar um espaço já ocupado pela disciplina na escola de nível médio. Desde sua implantação, entretanto, o projeto Filosofia na escola atuou privilegiando os níveis infantil e fundamental do ensino, uma vez que justamente aí as novas possibilidades de prática pedagógica da filosofia mostram-se mais ricas, oportunizam novas abordagens e reflexões sobre o papel educativo da Filosofia.

Projeto Filosofia na escola vem atuando, desde a origem, como um pólo catalisador de questões dos profissionais envolvidos com o ensino da filosofia

nas escolas de ensino médio. Várias atividades como encontros, cursos de formação, oficinas pedagógicas, monitorias, tradução e divulgação de literatura específica sobre este grande tema estão sendo desenvolvidos.

Essas atividades vem influenciando diretamente nos professores que atuam nas salas de aula.

Neste projeto, a luta pela introdução da filosofia e da sociologia como disciplinas obrigatórias no ensino médio tem três sentidos:

- 1) É inegável a importância dessas disciplinas para a formação integral dos estudantes, especialmente do seu senso ético e sua capacidade de leitura global do mundo, com bastante reflexão;
- 2) Como resgate de uma luta histórica interrompida pelo período do regime militar que retirou estas disciplinas das escolas que mostra com detalhes o porque não interessa para os governantes estas disciplinas;
- 3) Como medida de fortalecimento dos cursos de licenciatura, já que amplia o mercado de trabalho para os profissionais dessas duas áreas.

Para o autor desse projeto, os senhores deputados deu uma demonstração de compromisso com a formação integral da juventude brasileira, com resgate de um luta histórica e com a perspectiva de futuro para centenas de jovens que formam nas universidades todos anos.

Há três questões que podem contribuir para a “tarefa de sobreviver”.

- 1) Diz respeito a LDB, isto é, uma proposta para a disciplina que deve privilegiar a formação voltada para cidadania, para uma vida ética e política;
- 2) Consiste na elaboração de uma proposta concreta, a qual deverá delimitar o conteúdo, o método e, sobretudo, a íntima relação entre a disciplina e o processo de formação cognitiva e afetiva dos estudantes;
- 3) Os professores da disciplina, ou seja, a filosofia no ensino médio depende da participação ativa dos professores, participação que permita a eles pensarem a disciplina e a pensarem-se enquanto professores de Filosofia. Este educador deve assumir para se a tarefa e a responsabilidade da permanência e êxito da Filosofia no ensino médio.

Destas três questões, talvez a terceira seja a mais pertinente e a que mais esteja ausente nesse esforço de consolidação da disciplina.

É uma forma que é pernicioso para os jovens a aversão à inquietude e o temor da novidade, também pernicioso para o professor de filosofia aceitar essa tendência à não problematização. A propensão a inércia e a tranqüilidade acaba por levar também o professor a uma lenta e gradual perda da capacidade de reflexão. A disposição e a coragem para enfrentar os problemas que a disciplina impões, juntamente com o prazer de dialogar, de polemizar e de debater com profundidade as questões que envolvem esse tipo de ensino, pode revelar a importância e a atualidade da filosofia para a vida social. Cabe ao educador de filosofia levar o educando, para ter condição de pensar por si próprios, também cabe ao educador de filosofia pensar nas condições que possibilitam o filosofar.

Neste momento crucial podemos verificar que a disciplina de filosofia, urge a necessidade de definir o seu papel no sistema educacional, definir a sua contribuição na formação educacional dos jovens e também estabelecer uma proposta didática compatível com as exigências mais gerais para a educação formal em nosso país.

Estas definições são fundamentais para a permanência da disciplina nas escolas de ensino médio.

FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: UMA DISCIPLINA NECESSÁRIA

Poderão observar que a polêmica entorno da filosofia e tão antiga questão do ensino da mesma. Polêmica foi maneira de apresentação sob a forma discursiva de Sócrates e Platão. Em alguns diálogos Platão refere-se discussões de Sócrates travados com sofistas. Principal sobre a possibilidade do ensino da virtude com consequência, o ensino da filosofia. Outra característica reflexão filosófica com a idade madura, com mesma intensidade considerando-a inacessível para as crianças e os adolescentes.

Só na modernidade a questão do ensino de filosofia encontrou novo interesse, podendo o seu ensino ter início em idade mais precoce.

Os filósofos no início da modernidade tomaram prioritariamente para reflexão a questão do método; a filosofia é vista como instrumental servindo para aquisição da soberania. Ela é identificada com a razão instrumental.

“O intelecto com sua força nativa, faz para si instrumentos intelectuais e por meio deles adquire outras forças para outras obras intelectuais, graças às quais fabrica outros instrumentos ou poder de continuar investigando, e assim prosseguindo gradativamente até atingir o cume da sabedoria”¹.

No século XVII a filosofia passou a falar na existência humana com processo de desenvolvimento cognitivo. Superando os mais velhos e a visão

¹ GOLLO, *Silvio KOHAN & Walter Omar, Filosofia no ensino médio p. 82*

preconceituosa da criança não trabalha com cognitivo, achando que ela é incapaz. Levando os mesmo a rever sua posição de criança como o ser sem razão. É a contribuição para a filosofia a investigação daqueles momentos iniciais da razão.

Os homens no começo, com instrumentos inatos, puderam fabricar algumas coisas muito fáceis, ainda que laboriosas e, imperfeitamente, feita o que, fabricaram outras coisas mais difíceis, com menos trabalho e mais perfeição, passando assim gradativamente das obras mais simples aos instrumentos e destes a outras obras instrumentos, para chegar a fazer tantas coisas tão difíceis com pouco trabalho.

Com a promulgação da lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional evidenciam profundo desconhecimento da matéria. Tomamos aqui a polêmica relativa a filosofia no ensino médio. Aparentemente o texto da lei denota a importância que a filosofia tem para a faixa etária atendida pelo ensino médio. O artigo 35 em seu inciso III prescreve. "O aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico". Esse inciso manifesta a mesma vontade que moveu os iluministas.

A parente valorização da filosofia na formação do adolescente está presente em outro artigo. Neste fica claro a contradição e falta compromisso com a bandeira iluminista citada no artigo acima. O artigo 36, parágrafo 1º, em seu inciso III decreta a necessidade do "domínio dos conhecimentos de filosofia e de sociologia necessários ao exercício da cidadania". A interpretação imediata da lei pelas instâncias normatizadoras da instrução escolar foi taxativa: entenda-se por conhecimento de filosofia os termos transversais a serem trabalhados pelas disciplinas que compõe a base nacional comum dos currículos escolares da educação básica, tornando-se desnecessária a inclusão da filosofia na parte diversificada dos currículos.

FILOSOFIA OU SENSO COMUM?

A política educacional para o ensino médio não resgata a presença da filosofia nas várias áreas do saber escolar.

Esta proposta se cristalizou a visão tradicional de ciências forjada pelo positivismo, a idéia de currículo passou a ter na fragmentação do conhecimento o eixo metodológico, a idéia linear de progresso científico foi colocada a cima da reflexão sobre o conhecimento.

O exercício da filosofia é alcançado com o método filosófico; a dialético, fenomenológico, existencialista, racionalista ou qualquer outro que se inscreve no universo da história da filosofia.

A filosofia é o esforço coletivo e milenar que busca oferecer a resposta nova para o velho problema: O que é o homem?

O professor crítico e capaz de formar novas gerações, mais críticas do que as anteriores. Este é o caminho para a formação de uma nação cidadã. A contribuição da filosofia só terá lugar quando ela efetivamente ocupar o seu lugar na grade curricular. Quando isto acontecer, acabará com o conservadorismo da sociedade brasileira, que não acredita na importância do ensino passivo e nada crítico.

UMA NOVA FILOSOFIA PARA O NOVO ENSINO MÉDIO

Algumas considerações sobre a problemática presença da filosofia no ensino médio nacional. À luz da experiência advinda do trabalho com a filosofia no ensino fundamental e médio. Procuram fazer uma posição pessoal ante uma questão que nos for proposta, a saber: “Qual é o sentido do ensino de filosofia na educação média brasileira.

Todos os filósofos quer indicar que a filosofia é uma atividade desenvolvida por todos os que compõem a sociedade ou melhor, executada, tanto por aqueles, que têm como tarefa trabalhar manualmente e dar-se à submissão, quanto pelos outros que trabalham intelectualmente submetem, a filosofia está contida: Na própria linguagem, no senso comum e no bom-senso e na religião, já que em cada elemento de todo esse complexo conjunto há uma concepção de mundo que sustenta. Muito embora todos os homens sejam filósofos, nem todos “filosofam”, isto é, nem todos têm as condições teórico-práticas suficientes para elaborar a sua própria visão de mundo.

Embora sejam limitadas suas consciências, os integrantes das classes subalternas agem transformando o mundo com seu trabalho, que precisa de um nível mínimo de conhecimento mesmo que seja parcial, empírico, desorganizado, incoerências da prática que se dá a criticamente. É possível partir desse “bom senso” que se desenvolver uma crítica radical do senso comum, apresentando uma nova visão de mundo para superar a desordem intelectual imposta externamente aos subalternos. Criticar a própria concepção do mundo buscando a consciência daquilo que somos realmente, isto é, um conhecer-te a ti mesmo.

O objetivo desse processo, que se almeja superar do senso comum, é o de forjar uma nova consciência crítica e consciente, para e pelos integrantes das classes subalternas do seu trabalho e estimular o desenvolvimento das condições objetivas e subjetivas que favoreçam o fortalecimento do bom senso. Ao mesmo tempo que se afirma como prática política, a filosofia é expressão de uma visão de mundo, caracterizando uma dialeticidade em que o “ser não pode ser separado do pensar”.

Mas podem notar que alguns são mais filósofos do que os outros a filosofia que foi difundida predominantemente foi a de uma saber abstrato e, em, consequência, elitista, um saber (pensar desvinculado do conflito que caracteriza a existência humana o ser). Este comportamento colaborou para a manutenção das massas trabalhadoras na submissão intelectual e mora, uma vez que afastados das tarefas teóricas-práticas capazes de libertá-las.

No tempo do Brasil colônia, os jesuítas ofereciam o ensino de filosofia, em poucos colégios voltados exclusivamente para a formação das elites. A base desse ensino era a escolástica despreocupado das preocupações e dos problemas que afetavam a massa subalterna.

Depois desse período, até as quatro primeiras décadas deste século, de uma maneira ou outra essa filosofia carente de concreticidade esteve presente nos currículos das escolas formadora de elites. Com a reforma tornou-se obrigatória no colegial.

Na primeira lei LDB, a filosofia tornou simplesmente uma disciplina complementar, perdendo sua obrigatoriedade no currículo. Em 1982, a lei que abriu novamente a possibilidade para a volta da filosofia nas escolas a critério das mesmas.

Na atual LDB procurou tratar do ensino profissional num nível desvinculado do ensino médio, atendendo aos interesses dos organismos financeiros internacionais, gestores da nova “ordem mundial”, acreditava-se que a filosofia teria garantido um espaço próprio dentro do ensino médio, isto é, que seria um das disciplinas obrigatórias da grade curricular. Tal suposição mostrou-se totalmente equívoca, já que nessa Lei 9 394/96, em seu artigo 36, parágrafo 1º, inciso III, lia-se que os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação;;;

seriam organizados de tal forma a dar ao educando o domínio dos conhecimentos de filosofia e sociologia necessários aos exercício da cidadania. Isso se confirmou com a divulgação das Diretrizes e dos Parâmetro curriculares nacionais, (PSNS), onde está explícita a organização do currículo por áreas de conhecimento, e não por disciplinas.

A filosofia não teria sua presença no ensino médio justificada pelos valores porque eles não são expressos e nem desenvolvidos exclusivamente por um tipo de reflexão ou por qualquer outro saber determinado.

Para eles qual seria a justificativa para a obrigatoriedade da filosofia no ensino médio? Para tal questionamento teriam duas respostas complementares: primeiro ela seria de interesse geral e a segunda ela seria expressivamente política.

A filosofia interessa a todos os homens, porque é uma atitude que procura superar os problemas que a realidade apresenta à totalidade, ela passa a ser eminentemente política. quando afirmarmos isso estamos pretendendo indicar que a dimensão antropológica do saber filosófico abarca as suas duas outras fundamentais e dimensões, quais sejam, a epistemológica e a axiológica. É inegável que a filosofia tem uma dimensão que procura desvelar os limites e as possibilidades do conhecimento e outra que busca clarear o que e como o homem deve agir, isto é, a filosofia é inquestionavelmente crítica e volarativas, e a abordagem dessas dimensões deve fazer parte das tarefas da disciplina de filosofia, a epistemologia e a axiologia não são abstrações que se afirmam independente desse homem; pelo contrário, são imanentes a ele e a sua sobrevivência pelo trabalho, relacionando-se com a natureza e com os demais semelhantes.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir que a implantação da filosofia no ensino médio no que diz respeito aos fatores intra-escolares, ampliará em profundas transformações nos objetivos, estrutura e funcionamento das instituições escolares. O ensino de filosofia na escola média brasileira enfrenta altos e baixos: em momentos de afirmação democrática é mais comum sua presença nos currículos; em períodos autoritários dificilmente ela se faz presente, ao menos nas escolas estatais.

Para concluir no momento atual, consta na nova LDB, aprovada em 1996, que os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação devem ser organizados de tal forma que a final do ensino médio o educando demonstre, entre outros, o “domínio dos conhecimentos de filosofia e sociologia necessárias ao exercício da cidadania”. Apesar de tudo isso, ela não aparece como disciplina obrigatória nem foi regulamentada a exigência de sua inclusão. Com a alegação de que não existem professores suficientes.

Essa indefinição com respeito a necessidade da inclusão da filosofia no ensino médio torna-se ainda mais preocupante hoje em dia porque, além das razões já expostas de que o ensino de filosofia constitui um instrumento eficaz para a formação geral do educando e sua preparação para o convívio social, é bom lembrar que vivemos um momento especial de grandes mutações.

Qualquer que sejam as posições assumidas pelos intelectuais a respeito dessa questão, tanto ao defenderem que os valores da modernidade estão superados quanto ao constatarem que eles foram apenas deformados e devem ser resgatados, é importante reconhecer que a razão crítica é necessária e

indispensável para compreender as exigências de mudança e a construção de um mundo mais humano.

Não é pouco e nem se trata de uma tarefa fácil. Por tudo isso, é desejável que os jovens tenham a garantia de um espaço para investigar os fundamentos do agir e do pensar e realizar a crítica da cultura em que vivemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Referência

ABRAGNAND, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2ª, São Paulo, Martins Fontes, 1998.

Bibliografia

ARANTES, Paulo. **A Filosofia e seu ensino**. 2 ed. Petrópolis, Vozes. São Paulo, EDUC, 1995.

CONTRIM, Gilberto & PARISI, Maio. **Fundamentos da Educação: História e Filosofia da Educação**. 9º ed. São Paulo: Saraiva, 1984.

GALLO, Sílvio & KOHAN, Walter Omar. **Filosofia no Ensino Médio**. 1ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

KOHAN, WALTER Omar & LEAL, Bernardina. **Filosofia na Escola Pública**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai a escola**. Trad. Maria Elice de Brzezim Ki Prestes e Lucia Maria Silva Kremer. São Paulo: Summus, 1990 (novas busca em educação; v. 39).

PILETTI, Nelson E PILLET, Claudino. **História da Educação**. 7 ed. São Paulo: Ática, 1997.

PILETTI, Nelson. **Estrutura e Funcionamento de Ensino Fundamental**. 25 ed. São Paulo: Ática, 1999.